

Mediador

Nascido em uma cidade do interior do Piauí e tendo manifestado logo cedo o desejo de ser padre, cônego Djalma Rodrigues de Andrade, hoje reitor da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, da PUC-Rio, na Gávea, buscou, ao longo de sua vida sacerdotal, ser mediador. Seu desejo, enquanto sacerdote, sempre foi fazer uma ponte entre Deus e o homem e entre o que ensinava no Seminário São José, do qual foi reitor por quatro anos, de 1978 a 1982, e a realidade da vida pastoral.

“Quando terminamos nossa formação no Seminário, nos perguntaram que frase usaríamos para resumir nossa vida sacerdotal. Isso é um parto para nós porque é difícil resumir nossa missão em uma frase. Mas tem uma parte da Carta de São Paulo que diz que ‘há um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo homem, que se deu em resgate por todos’ (1 Tim 2, 5 e 6). Jesus é um mediador porque é um homem e também é Deus. O que quero dizer é que o padre é exatamente isso: ele é, junto à sua comunidade, um representante de Deus. Mas diante de Deus, ele é um representante da comunidade. Portanto, um mediador”, definiu.

Hoje com 85 anos completados no dia 11 de janeiro e 58 anos de sacerdócio, ele conta que o que buscou enquanto esteve à frente do Seminário São José foi articular o ambiente acadêmico no qual estava inserido – ele foi professor de teologia na PUC-Rio por mais de 20 anos, na mesma época em que os seminaristas estudavam teologia na universidade –, a formação que o Seminário oferecia aos futuros padres e a vida pastoral, que chamou de “realidade fora do Seminário”.

PEQUENAS COMUNIDADES E ESTÁGIO PASTORAL

As chamadas pequenas comunidades eram grupos de reflexão formados dentro do Seminário, que ajudavam os seminaristas a intensificarem a formação espiritual. Além da formação que recebiam em forma de aulas, eles eram incentivados a concretizar o aprendizado através do diálogo em grupo. Foi uma iniciativa que teve início com o antecessor do cônego Djalma, monsenhor Gilson José da Silveira, e à qual ele deu continuidade.

“Eu creio que essa atividade foi uma das coisas mais belas que encontrei no Seminário. Era um segundo momento da formação que fazíamos com eles. Isso os

ajudava a internalizar e a aprofundar as experiências adquiridas”, afirmou.

Já o estágio pastoral fazia parte do plano pastoral dos seminaristas, que realizavam ao entrar para o Seminário. Eles iam todos os fins de semana, durante um ano, para uma determinada paróquia. No final do ano faziam um relatório sobre a experiência. A direção do Seminário fazia uma reunião com os padres que tinham recebido esses “estagiários” para que fosse feita uma avaliação mais completa, visando aprimorar o aprendizado dos futuros padres.

“A minha principal preocupação como reitor foi articular a vida pastoral e a cultural. O meu objetivo era fazer com que aquele contato com a paróquia onde a pessoa fazia o estágio pastoral fosse um objeto de análise que a ajudasse a saber como agir numa situação parecida no futuro. Dom Roque, por exemplo, fez um estágio pastoral comigo na paróquia da qual eu era pároco, em São Conrado. Foi uma época fabulosa para a comunidade, e ele também ficou muito marcado”, destacou cônego Djalma.

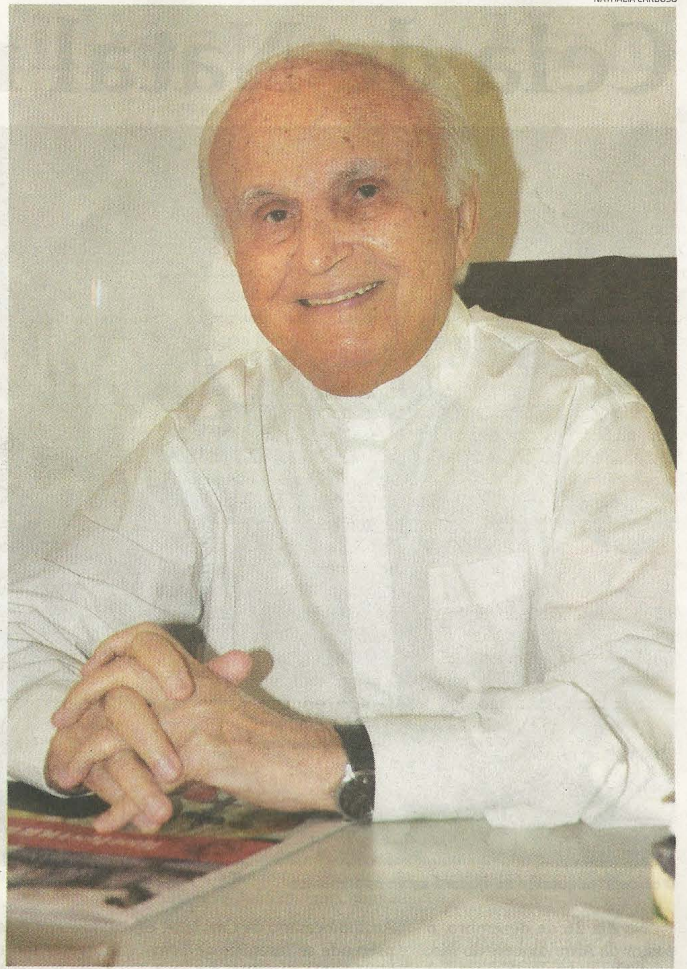
CONJUNTURA

Em relação a 1978, quando assumiu o Seminário, cônego Djalma conta que havia reflexos ainda muito nítidos do Concílio Vaticano II na formação dos seminaristas. Naquela época, ele afirmou, era uma alegria quando ordenavam quatro padres em um ano. Mas as mudanças devido às conclusões do Concílio já começavam a ser implementadas. Hoje o Seminário forma quase 30 padres a cada ano.

“Cheguei em uma época em que boa parte do Seminário estava em construção. Ainda dava-se para se ouvir o eco das mudanças ocorridas por ocasião do Concílio Vaticano II. O meu trabalho era continuar o processo de formação sacerdotal iniciado pelo monsenhor Gilson”, frisou ele, que também implementou no processo de formação dos futuros padres o acompanhamento com fonoaudiólogos para auxiliar na transmissão da mensagem, da Palavra de Deus.

“Era uma época de mudanças. Havia, ao mesmo tempo, a timidez de dar novos passos e o desejo de entrar nessa nova perspectiva do Vaticano. Os seminaristas eram muito importantes para nós: tanto na parte de orientação espiritual como na de formação humana e acadêmica do estudante seminarista, procurávamos dar a eles oportunidades de frequentarem outros cursos e ambientes”, explicou, destacando que inclusive os formadores participavam de algumas seções com os fonoaudiólogos junto aos seminaristas, a fim de aprimorarem-se cada vez mais.

Além das mudanças, o São José vivia uma fase de abertura a outras culturas proporcionada pelo então arcebispo do Rio, Dom Eugenio de Araujo Sales. Com isso, pessoas de diversas dioceses do Brasil, inclusive do Estado do Amazonas, conforme destacou cônego Djalma,



Cônego Djalma completa 85 anos no próximo dia 11 de janeiro

vinham estudar no Seminário São José.

“Circulava uma riqueza muito grande naquelas reuniões que fazíamos ali, naqueles pequenos grupos, pequenas comunidades. Eu conversava muito sobre isso com Dom Eugenio: ao mesmo tempo em que dávamos ao aluno uma visão de Igreja local, de diocese, paróquia, ele podia ligar aquilo ao que estava ocorrendo nas outras dioceses através dessa troca de experiências que faziam”, afirmou ele.

VIDA E VOCAÇÃO

Por ter lecionado e dirigido mais de um colégio na cidade de Floriano, no Piauí, próximo ao local onde nasceu, Itainópolis, o então padre Djalma recebeu o título de cidadão honorário de Floriano, em 1967. Também lecionou na PUC-Rio, onde ajudou a fundar a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, que dirige atualmente. Um dos poucos padres não jesuítas da universidade, ele contou que é uma alegria permanecer no local.

“É bom porque eu não perco o contato com meus alunos e, ao mesmo tempo, não perco o contato com a vida pastoral”, destacou.

Ele contou que por ter nascido em uma cidade interiorana teria que fazer as aulas do seminário em Fortaleza, capital vizinha, mas acabou sendo mandado para fazer a formação em Roma. Durante sua formação na Universidade Gregoriana, se hospedou no Colégio Pio Brasileiro, que segundo ele, era, naquele tempo,

uma espécie de seminário por causa das diversas atividades de aprofundamento que faziam no local.

“Eu fui um garoto de interior. Meus pais eram muito católicos, naturalmente. Quando eu tinha entre 6 e 7 anos de idade, manifestei à minha mãe o desejo de ser padre. Porque naquela época o padre passava uma semana em cada povoado, e aquela semana que passava era profundamente marcante para a comunidade católica. E a comunidade era totalmente católica: antigamente não havia lá a presença de outra expressão religiosa”, contou.

Mesmo ele sendo o único homem da família – perdeu o pai aos cinco anos de idade –, contou que sua mãe não relutou em “entregá-lo para Deus”. “Deus prove-rá”, ela disse, segundo ele, quando soube do desejo do filho.

“Aquela frase foi, para mim, muito forte, assim como foi forte um dos nossos últimos encontros, quando ela estava doente e perguntei, sentindo mesmo o que ia dizer, se ela queria que eu voltasse a morar com ela. E ela me respondeu quase que me repreendendo: meu filho, eu já dei você pra Jesus há muitos anos!”, contou ele, que na época de Seminário cultivou amigos como Dom Karl Josef Romer, monsenhor Elias Volp e Dom Edson de Castro Homem.

“O padre é junto à sua comunidade, um representante de Deus. Mas diante de Deus, ele é um representante da comunidade”